



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS- CAMPUS A.C. SIMÕES
CURSO DE LETRAS-PORTUGUÊS

MILEYDE LUCIANA MARINHO SILVA

Mulheres em tradução:

Colette para o português brasileiro na tradução de “*Des ‘bonnes femmes’ m’ont confiés ‘Secrets’*” (1940) e de “*Jeunes femmes d’aujourd’hui, Colette vous parle*” (1940).

Maceió-AL
Maio- 2022



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS- CAMPUS A.C. SIMÕES
CURSO DE LETRAS-PORTUGUÊS**

MILEYDE LUCIANA MARINHO SILVA

Mulheres em tradução:

Colette para o português brasileiro na tradução de “*Des ‘bonnes femmes’ m’ont confiés ‘Secrets’*” (1940) e de “*Jeunes femmes d’aujourd’hui, Colette vous parle*” (1940).

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à banca da área de Letras, como requisito para a obtenção do título de licenciado em Letras-Português pela Universidade Federal de Alagoas.

Orientador: Prof. Dr. Kall Lyws Barroso Sales

Maceió-AL
Maio-2022

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S586m Silva, Mileyde Luciana Marinho.

Mulheres em tradução : Colette para o português brasileiro na tradução de “*Des ‘bonnes femmes’ m’ont confié ces ‘Secrets’*” (1940) e de “*Jeunes femmes d’aujourd’hui, Colette vous parle*” (1940) / Mileyde Luciana Marinho Silva. – 2022.
26 f. : il.

Orientador: Kall Lyws Barroso Sales.

Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Letras - Português) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 25-26.

1. Colette, Sidonie-Gabrielle, 1873-1954. 2. Tradução e interpretação. 3. Feminismo. I. Título.

CDU: 811.133.1'25



ATA DA REUNIÃO DE JULGAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO/A ALUNO/A: Mileyde Luciana Marinho Silva **MATRÍCULA:** 20110720, **TÍTULO DO TCC:** Mulheres em tradução: Colette para o português brasileiro na tradução de “Des ‘bonnes femmes’ m’ont confié ces ‘Secrets’” (1940) e de “Jeunes femmes d’aujourd’hui, Colette vous parle” (1940).

Ao(s) vinte e dois dia(s) do mês de junho do ano de 2022, reuniu-se a Comissão Julgadora do trabalho acima referido, assim constituída:

Prof./a Orientador/a : Prof. Dr. Kall Lyws Barroso Sales

1º Prof./a Examin./a: Prof. Ms. Yann Jean Christophe Hamonic

2º Prof./a Examin./a: Profa. Dra. Maria Gabriela Cardoso Fernandes da Costa

que julgou o trabalho (X) APROVADO () REPROVADO, atribuindo-lhe as respectivas notas:

Prof./a Orientadora: 9,5 (nove inteiros e cinco décimos)

1º Prof./a Examin./a: 9,5 (nove inteiros e cinco décimos)

2º Prof./a Examin./a: 9,5 (nove inteiros e cinco décimos)

totalizando, assim a média 9,5 (nove inteiros e cinco décimos), e autorizando os trâmites legais.

Estando todos/as de acordo, lavra-se a presente ata que

será assinada pela Comissão.

Maceió, 22 de junho de 2022.



Prof./a Orientador/a:



1º Prof./a Examin./a:



2º Prof./a Examin./a:



VISTO DA COORDENAÇÃO



RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo realizar uma tradução e análise de tradução além de elaborar comentários sobre o processo tradutório dos textos “*Des ‘bonnes femmes’ m’ont confiés ‘secrets’*” e “*Jeunes femmes d’aujourd’hui, Colette vous parle*” da autora francesa Sidonie Gabrielle Colette, publicados em uma mesma edição da revista Marie-Claire na cidade de Paris em 1940. Colette, apesar de ser uma autora bastante conhecida em seu país de origem, não tem um grande acervo de traduções no Brasil o que justificou a nossa escolha pela tradução de dois artigos inéditos em português. Os textos escolhidos como *corpus* trazem duas facetas distintas sobre o lugar das mulheres na época de sua publicação, pois, enquanto o primeiro consiste em dicas de beleza para que as mulheres sejam vistas como ‘boas mulheres’, o segundo traz como tema a força e a percepção de como as mulheres são necessárias em períodos de guerra, quando se tornam tudo o que precisam ser. Este estudo foi norteado metodologicamente no que postula Antoine Berman em suas obras: *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* (2012) e *Pour une critique des traductions: John Donne* (1995). A partir deste estudo tivemos como resultados: a tradução inédita dos dois textos escritos por Colette, a sistematização de comentários de tradução no par de línguas francês-português, com fagulhas de discussões sobre feminismo, e a difusão da produção da autora em língua portuguesa e nos estudos da tradução.

Palavras-chave: Tradução. Tradutologia Feminista. Colette.

RÉSUMÉ

La présente recherche vise à réalisation d’une traduction, une analyse de traduction, en plus d’élaborer des commentaires de traduction sur les textes « *Des ‘bonnes femmes’ m’ont confiés ses ‘secrets’* » et « *Jeunes femmes d’aujourd’hui, Colette vous parle* » de l’auteure française Sidonie Gabrielle Colette, publiée dans le même numéro du magazine Marie-Claire à Paris en 1940. Colette, bien qu’une auteure bien connue dans son pays d’origine, n’a pas une grande collection de traductions au Brésil ce qui a justifié notre choix pour la traduction de deux articles inédits en portugais. Les textes choisis comme corpus apportent deux facettes distinctes sur la place des femmes au moment de leur publication, la première étant constituée de conseils de beauté pour que les femmes soient vues comme « bonnes femmes » la seconde se concentre sur la force et la perception de la façon dont les femmes sont nécessaires en temps de guerre, lorsqu’elles deviennent tout ce qu’elles doivent être. Cette étude a été guidée méthodologiquement dans ce que postulait Antoine Berman dans ses ouvrages : « *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* » (2012) e « *Pour une critique de traduction: John Donne* » (1995). En plus de discuter de l’analyse de la traduction dans cette perspective bermanienne, on y ajoute un débat sur l’influence du patriarcat et sexisme, imposés par la société sur les traductions et son pouvoir sur les lecteurs, les lecteurs et sur l’œuvre traduite. De cette étude, les résultats ont été : la traduction inédite des deux textes, la systématisation des commentaires de traduction dans le couple de langues français-portugais et la diffusion de la production de Colette en portugais et en traductologie.

Palavras-Chave: Traduction. Traduction féministe. Colette.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. COLETTE, SENHORAS E SENHORES!.....	6
2.1 Colette e sua recepção na França: textos literários e não-literários em revistas para mulheres entre 1920 e 1944.....	8
3. COLETTE PARA O PORTUGUÊS: EXPERIÊNCIA DE TRADUÇÃO.....	11
3.1 Tradução do texto: “Des “bonnes femmes” m’ont confié ces “Secrets”.....	12
3.1.1 Comentários sobre a tradução de “Des “bonnes femmes” m’ont confié ces “Secrets”.....	14
3.2 Tradução de “Jeunes femmes d’aujourd’hui Colette vous parle”.....	19
3.2.1 Comentários de tradução do texto “Jeunes femmes d’aujourd’hui Colette vous parle”.....	21
3.3 E por que as ‘boas’ mulheres? Para nos lembrar que há mulheres ruins?: A tradução como experiência em comentários de tradução.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	26

1. Introdução

O presente trabalho traz uma análise de dois textos da autora francesa Sidonie Gabrielle Colette publicados em uma mesma edição da revista *Marie Claire*, revista direcionada majoritariamente às mulheres de Paris daquela época. Os textos analisados e traduzidos para o português do Brasil são intitulados “*Des ‘bonnes femmes’ m’ont confié ses secrets*” e “*Jeunes femmes d’aujourd’hui, Colette vous parle*”, ambos publicados em 24 de maio de 1940. Estes dois textos apresentam duas realidades distintas atribuídas ao chamado mundo feminino, pois, enquanto o primeiro apresenta às mulheres alguns “segredos” de beleza e de cuidados com a casa, o segundo traz um conteúdo sobre o importante papel que as mulheres têm durante o período de guerra. Nesta, enquanto os homens se tornam soldados e partem com seus batalhões, as mulheres assumem diversas funções quando necessário: agricultoras, curandeiras, elas se tornam as provedoras, papel tradicionalmente atribuído apenas aos homens.

Autora de mais de 30 romances publicados e inúmeros artigos em revistas e jornais, Colette é ainda pouco difundida e estudada no Brasil e, por isso, seu estudo é muito importante para a pesquisa nas universidades sobre literaturas de expressão francesa escrita por mulheres. Ela foi uma das precursoras de um tipo de escrita que não era apenas voltada para o público feminino, como também colocava a mulher no centro de sua obra. Neste trabalho, após a realização da tradução será feita uma análise dos textos traduzidos.

O *corpus* do presente projeto é resultado de uma pesquisa documental em revistas ditas femininas, publicadas entre 1920 e 1944, são elas: *Marie Claire*, *Femina* e *Vogue*. A busca dos textos publicados nessas revistas foi dividida em três etapas: a primeira consistiu em uma pesquisa sobre a vida e a obra da autora para que fossem encontrados os veículos de comunicação nos quais Colette publicou, como ferramenta de busca utilizamos o site da biblioteca digital da Biblioteca Nacional da França, *Gallica*, no qual estão os registros digitalizados de periódicos publicados em diversos momentos.

Após a análise documental, foram escolhidos para tradução e comentários neste projeto os seguintes textos: “*Jeune femme d’aujourd’hui, Colette vous parle*” (COLETTE. *Marie-Claire*. 24 de maio de 1940. p. 2) e “*Des ‘bonnes femmes’ m’ont confié ces ‘secrets’*” (COLETTE. *Marie-Claire*. 24 de maio de 1940. p. 14 e 15) ambos publicados na mesma edição da revista *Marie-Claire*, que foram selecionados por trazerem um dos principais temas tratados neste estudo: a representação da mulher na produção de Colette. A produção deste estudo não se justifica apenas por meu grande interesse nos estudos feministas e nos estudos de tradução apresentados aqui, mas também por acreditar na urgência de estudos cujos temas

sejam discutidos na comunidade acadêmica e que perpassam, também, por questões sobre a sociedade e sobre os processos de mudança naquilo que é imposto às mulheres.

Neste estudo buscamos, para além da tradução dos textos, ou mesmo da análise de cunho feminista que será realizada de forma mais aprofundada em estudos posteriores, trazer à tona, em forma comparativa, a complexidade dos escritos de Colette em uma sociedade patriarcal na qual a literatura é ainda, em sua maioria, produzida por homens. Por isso, a etapa final deste estudo consiste na tradução dos dois textos supracitados e de comentários sobre sua tradução pautados na perspectiva de um *projeto de tradução* de acordo com o que postula Antoine Berman em suas obras *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* (1999) e *Pour une critique des traductions: John Donne* (1995).

2. Colette, senhoras e senhores!

Gabrielle Sidonie Colette (1873 - 1954) foi uma escritora, atriz e jornalista que dedicou a maior parte de sua vida à literatura. Apesar de seus mais de trinta romances publicados e inúmeros artigos jornalísticos, a autora francesa, dentro de um sistema que impedia a publicação de autoria feminina, começou sua carreira apenas através de seu marido, o também escritor Henry Guthier-Villars, que passou a assinar e publicar as primeiras obras dela (a série *Claudine* [1910]) como se fossem de sua autoria. Apesar de ainda ser pouco conhecida no Brasil, seu nome é reconhecido dentro da produção de autoria feminina na literatura francesa, pois ela foi uma das primeiras mulheres a ganhar destaque em uma época na qual a literatura era dominada por homens, tanto os que escreviam quanto os que liam, personagens femininas dificilmente ganhavam destaque e quando o faziam não eram retratadas, em diversos contextos, de maneira lisonjeira.

Em uma sociedade patriarcal e sexista, e em uma época na qual a desvalorização da mulher acontecia de maneira corriqueira e constante, Colette exalta a força delas ao escrever sobre mulheres e como, durante os períodos de guerra, elas estavam em luta, diante da instabilidade provocada pelos conflitos, já que tinham que ver seus maridos, irmãos, pais e outros parentes do sexo masculino saindo de suas casas durante a guerra e que, muitas vezes, essa saída significava uma caminho sem retorno.

A grande autora parisiense, além de escrever textos literários, transbordou sua arte para outros palcos, já que Colette trabalhou, uma grande parte de sua vida, como jornalista, período no qual mais escreveu sobre a guerra e sobre o sofrimento que esta causava a todos. Foi atriz e buscou incessantemente colocar as personagens femininas em papéis de protagonismo, o que

pode ser comprovado pela maioria de suas obras de grande sucesso e pelo o que críticas e críticos já escreveram a seu respeito. Como exemplo dessa crítica, Machado (2017) a descreve da seguinte forma “jornalista, atriz, artista de music-hall, Colette marcou consideravelmente a sua época, chocando a sociedade hostil à liberdade e à autonomia das mulheres, enfrentando com ousadia preconceitos e tabus” (MACHADO, 2017, p. 1).

Após o sucesso de suas primeiras obras com a série *Claudine* (1910), que nesta época eram publicadas com a assinatura de seu esposo, a autora passou por um período de crise. Ela tentou fugir de seu marido porque ele, tendo sucesso apenas através da escrita da esposa, a mantinha em cárcere privado e a forçava a escrever. Durante o período em que esteve sob as ameaças de seu marido, transitou pelo teatro e pelo jornalismo, esta última uma das áreas mais expressivas de sua escrita junto à escrita literária. Colette, então, passa a conciliar em sua vida a escrita literária e a escrita jornalística, trabalhando em jornais como *Le Matin* e *Cyrano*, escrevendo sobre a guerra e sobre mulheres, principalmente nas revistas voltadas ao público feminino, como *Vogue*, *Marie Claire* e *Femina*. Colette se destacou também na escrita em prosa, tendo publicado romances de muito sucesso e que, posteriormente, se tornaram filmes como *Chéri* (2010) e *Gigi* (1958).

Dentre os romances mais famosos publicados por Colette estão os que compõem a série *Claudine* (1910), que contam histórias da adolescência da personagem principal Anne; o romance *Sido* (1930), escrito como uma homenagem à sua mãe cujo nome intitula a obra; *Chéri* (1920), que traz a história de Léa, uma prostituta e chéri seu protegido. Além de romances, a autora também foi contista, tendo publicado contos no jornal *Le matin* entre 1911 e 1914, e republicados, anos depois, em formato de coletânea cujo título era o nome da coluna do jornal *Contes des mille et un matins*.

2.1. Colette e sua recepção na França: textos literários e não-literários em revistas para mulheres entre 1920 e 1944.

Nossa busca concentrou-se nos textos escritos por Colette e produzidos entre 1924 e 1944 nas edições, disponíveis na *Gallica*, de revistas e de periódicos nos quais a autora publicou. Entre 1937 e 1944, fizemos uma análise documental de 318 edições da revista *Marie-Claire*; Entre 1926 e 1938 fizemos esta busca em 107 edições da revista *Femina* e, por fim, buscamos textos de autoria de Colette em 172 edições da revista *Vogue*, publicadas entre 1920

e 1940. É importante ressaltar que, das três revistas, apenas a revista *Marie-Claire* era publicada semanalmente, as outras tinham periodicidade mensal.

Após esse extenso trabalho de pesquisa documental, fizemos um tabelamento dos dados coletados para seleção dos textos que seriam traduzidos. Foram encontrados treze textos escritos por Colette na revista *Vogue*, apenas um texto na revista *Femina* e, por fim, vinte e dois encontrados na revista *Marie-Claire*. Dentro deste escopo, os textos sobre autora que não foram escritos por ela e o texto “*La course au Trésor*” (COLETTE, 1939, pp. 18-19), uma adaptação feita por Colette do texto do autor estadunidense Jim Stewart, foram desconsiderados para esta pesquisa. Por fim, os dados coletados foram dispostos na tabela abaixo que apresenta as seguintes informações: título do texto, revista na qual foi publicado, data de publicação, página e, além disso, se os textos são literários ou não-literários:

Tabela 01: Publicações de Colette (1924-1943)

TÍTULO	REVISTA	DDP	LITERÁRIO	PÁGINA
Cadeaux de Noël	Vogue	1/12/1924	Sim	29
Les bijoux menacés	Vogue	1/12/1925	Sim	35
Poil et plume	Vogue	1/11/1925	Sim	33
Vendageuses	Vogue	1/9/1925	Sim	29
Vacances	Vogue	1/8/1925	Sim	25
Jardins prisonniers	Vogue	1/7/1925	Sim	31
Voyages	Vogue	1/6/1925	Sim	25
Élégance?... Économie?...	Vogue	1/5/1925	Sim	31
Mannequins	Vogue	1/4/1925	Sim	33
Adieu à la neige	Vogue	1/3/1925	Sim	35
Printemps de demain	Vogue	1/2/1925	Sim	31

Visites	Vogue	1/1/1925	Sim	27
A saint - Moritz	Femina	8/1932	Não	4
Avatars	Vogue	1/9/1932	Sim	27 e 54
À la recherche de la simplicité	Marie Claire	26/8/1938	Não	7
Le silence des enfants	Marie Claire	31/3/1939	Não	17 e 58
Partir franchir les murs	Marie Claire	23/6/1939	Não	17
La trêve	Marie Claire	18/8/1939	Não	34, 35 e 51
Ma poésie, c'est ma province	Marie Claire	26/8/1939	Não	9 e 50
Un autre ennemi l'excès	Marie Claire	22/9/1939	Não	3
Sans moi	Marie Claire	1/12/1939	Não	1
L'année est un ruban	Marie Claire	5/1/1940	Não	1
Colette vous parle de l'amour	Marie Claire	24/5/1940	Não	4 e 5
Des armoires? Je n'en ai pas!	Marie Claire	24/5/1940	Não	11
Des "bonnes femmes" m'ont confié ces secrets	Marie Claire	24/5/1940	Não	14 e 15
Je connais tout ces grands séducteurs	Marie Claire	24/5/1940	Não	6 e 7
Je suis restée une paysanne	Marie Claire	24/5/1940	Não	2 e 3
Jeune femmes d'aujourd'hui, Colette vous parle	Marie Claire	24/5/1940	Não	2

L'amour filial, Sido et moi	Marie Claire	24/5/1940	Não	12 e 13
On aime la bonne cuisine au pays de Colette	Marie Claire	24/5/1940	Não	10
Pour le novelan, Colette vous parle	Marie Claire	1/1/1943	Não	4
Vacances de Colette	Marie Claire	1/7/1943	Não	3
Pourquoi je les aime	Marie Claire	27/1/1939	Não	12 e 13
« La chatte »	Marie Claire	27/1/1939	Sim	18 e 19
J'aime être gourmande	Marie Claire	27/1/1939	Não	36, 37 e 51
Je suis bien chez moi, et vous?	Marie Claire	27/1/1939	Não	30 e 31

Fonte: Dados da pesquisa.

Na tabela é possível perceber que, pelos títulos de seus artigos nas revista *Vogue*, *Femina* e também de seus contos no jornal *Le matin*, onde escreveu por 14 anos (1910 - 1924), a autora escreve sobre temas que não estão relacionados somente às mulheres, mas traz situações do dia-a-dia que podem ou não ter sido vividas pela própria autora. Na revista *Marie Claire*, Colette escrevia sem o manto literário sobre si, redigia suas opiniões, segredos de beleza, gostos literários, falava de sua terra natal e escrevia até mesmo sobre a própria *Marie Claire* ao fazer a edição comemorativa de número 100 da revista.

3. Colette para o português: experiência de tradução

Este projeto se insere num histórico dos estudos da tradução, fenômeno que acompanha os passos mais antigos da humanidade. Historiadores da tradução identificaram que os primeiros registros de alguma forma de atividade tradutória já foram encontrados no Egito, desde o Império Antigo e, a partir de então, as práticas de tradução se diversificaram bem como o estudo sobre elas, pois a reflexão sobre o fazer tradutório foi ganhando novos conceitos e

novas formas. A tradução era vista inicialmente como uma prática mística, tradutores e tradutoras eram os intérpretes dos deuses pois eram vistos como aqueles que mediavam a língua dos homens e a dos deuses. Apesar de sua importância também estar bastante relacionada ao comércio, os tradutores tinham um papel de destaque na religião, pois as traduções da bíblia, que eram feitas inicialmente de forma oral e, posteriormente, de forma escrita, traziam a *palavras de Deus* àqueles que não tinham o conhecimento de hebraico e de latim, o que fez com que a tradução desempenhasse um papel crucial na Idade Média. Ainda nesta época começa o surgimento de questões relacionadas à fidelidade e traduzibilidade do texto:

A tradução serviu de diversas formas a diferentes finalidades e estas tiveram efeito decisivo sobre o problema essencial da *fidelidade* e da relação com o original [...] Mas, para além disso, a prática de tradução esteve também a serviço, por um lado, da emancipação linguística e, por outro, do esforço de criação de uma literatura nacional, ou ainda, da educação do intelecto, alterando-se o conceito de tradução conforme uma ou outra tendência. (POHLING, 2018, p. 19)

Muito se discute sobre a *fidelidade* de um texto traduzido e a tradução passou a ser vista como uma atividade secundária, que consistia na reescrita de um texto, na simples passagem de uma língua a outra. Porém, atualmente, entendemos que a tradução desempenha um papel político e social dentro do contexto no qual textos de partida e de chegada se inserem. Tradutores e tradutoras devem escolher usar uma ou outra palavra, devem decidir como a tradução deve se apresentar: de forma mais próxima a leitores e leitoras ou mais próxima de autores e autoras, dualidade já evidenciada por Schleiermacher em seu texto seminal “sobre os diferentes métodos de tradução” (SCHLEIERMACHER, 2010, pp. 39-103).

A tradução se transformou ao longo do tempo de diversas maneiras e a forma como era vista por aqueles que a realizavam e por quem a lia. Diante dos diversos processos pelos quais os estudos tradutórios foram passando e se transformando, busco, através da realização da tradução de Colette, comentar o meu processo como tradutora, os percalços e os desafios de traduzir a obra de uma autora que continua bastante discutida e estudada.

O processo de escolha do tema deste estudo envolve, portanto, minha vontade de traduzir uma autora que coloca a figura feminina, sejam mulheres jovens ou idosas, prostitutas ou garotas de boa reputação, em destaque e ainda de contribuir com a necessária divulgação da produção de Colette, ainda pouco conhecida no Brasil, entendo que a autora só teve sua primeira obra traduzida para o português em 1937, com o livro *A Vagabunda*.

O processo de tradução de uma obra consiste em etapas que precisam ser desenvolvidas em conjunto e, para a realização da tradução neste estudo, o primeiro passo foi uma leitura detalhada do texto na língua de partida para identificar quais palavras ou expressões seriam menos comuns e, a partir disso, encontrar uma tradução mais próxima da *letra* da autora

(BERMAN, 2012). Não houve grandes dificuldades no desenvolvimento da tradução, mas algumas decisões a serem tomadas, como, por exemplo, a escolha da inserção de rodapés e da permanência de algumas palavras na língua original.

A escolha dos textos que foram traduzidos neste estudo se deu por muitas razões, a primeira delas é a necessidade de discutir o conteúdo de textos no qual a autora leva leitoras e leitores a uma reflexão sobre a forma como a mulher é vista em sua sociedade na época em que escreveu. Por um lado, temos um texto sobre a beleza feminina e, por outro, um texto sobre a importância das mulheres em um contexto crítico, tratada como alguém que precisa se moldar, a todo momento, às necessidades da sociedade.

Através do estudo da obra de Colette, já realizei uma análise paratextual de traduções do livro *A Vagabunda* para o português brasileiro (SILVA; SALES, 2020), e a pretensão é continuar a difundir, analisar e traduzir mais obras da autora mostrando a representação de mulheres em textos ficcionais e não ficcionais, além de apresentar e discutir o feminismo e a tradução feminista nas obras.

3.1. Tradução do texto: “Des “bonnes femmes” m’ont confié ces “Secrets”

Antes de apresentarmos a tradução do texto, é importante mencionar que ele apresenta um encontro de gêneros, pois a autora escreve sobre suas próprias experiências quando criança, se colocando como personagem, criando um texto com centelhas autobiográficas e, ao mesmo tempo, trazendo o caráter informativo e injuntivo, receitas de beleza que aprendeu ao longo de sua vida, com sua mãe Sido, a quem se refere pelo nome, e outras mulheres que passaram por sua vida. No texto “Des bonnes femmes m’ont confié ces 'secrets" são trazidos, em uma página bastante decorada e colorida em vermelho, segredos de beleza, em um texto no qual podemos perceber a presença de alguns elementos paratextuais (GENETTE, 2009; TORRES, 2012, SALES, 2014) que cumprem a função de torná-lo “mais feminino”. Nele são dispostos vários conselhos de beleza, que circundam o texto principal, e desenhos relacionados a estes. Por exemplo, no texto em que se fala sobre como amenizar olheiras, depois de uma noite mal dormida, com uma infusão de chá preto, há uma imagem de uma mulher ao lado de folhas de chá. Em uma tentativa de maior aproximação com as leitoras e leitores, o texto de Colette é apresentado com uma linguagem mais coloquial, já que a autora fala diretamente a seu público, como se falasse a suas próprias amigas. Além disso, o texto ainda traz uma apresentação de sua mãe, falando sobre o momento em que ela fazia geleia de marmelo e dava suas sementes à vizinha para que essa pudesse usar para produção da água de marmelo.

Agora, apresento a tabela 02, a qual nos mostra do lado direito o texto original, reproduzido em língua francesa e do lado esquerdo a tradução para português realizada por mim:

Tabela 02: tradução do texto: **Des « Bonnes femmes » m’ont confié ces « Secrets »**

<p>TEXTO DE PARTIDA:</p> <p>Des « Bonnes femmes » m’ont confié ces « Secrets »</p>	<p>TRADUÇÃO:</p> <p>As “boas mulheres” me confiaram seus “Segredos”</p>
<p>Et pourquoi des « bonnes» femmes? Est-ce pour nous rappeler qu'il y a des recettes de mauvaises femmes ? Il y en eut, — il y en a. Partout où pleura l'amour déçu, où couvèrent la jalousie sauvage et la cupidité, les passions ont imploré le secours d'une étrange pharmacopée. Ce n'est pas sur celle-là que ma jeunesse campagnarde me documenta. Le rebouteux de mon village reboutait à l'occasion et « barrait » les maux, c'est-à-dire qu'il couvrait de croix et de croix, en marmonnant une petite prière indistincte, les plaies ou les membres lésés. Mais il vendait plus d'allumettes de contrebande que de simples. Allumettes excellentes, simples, inoffensives — c'était l'âge du cristal et des artifices ingénus.</p> <p>J'apprenais de l'un, de l'autre. Je retenais ce que j'aimais le mieux. La femme du charbonnier en savait presque autant sur les recettes de beauté qu'une coquette d'aujourd'hui, puisqu'elle se débarbouillait le dimanche avec une couenne de lard et un peu de beurre. Par contre, le fils du charcutier, beau garçon dûment graissé six jours sur sept, fêtait le jour du Seigneur en se frottant la figure d'une serviette rude trempée dans de l'eau-de-vie de marc. Traitements appropriés, comme vous voyez. Et la dépense était d'autant plus légère que le charcutier donnait</p>	<p>E por que “boas” mulheres? Para nos lembrar de que existem receitas de mulheres ruins? – Existiram e ainda existem. Há em todo lugar onde lamentará o amor desapontado, onde esconderá a inveja selvagem e a ganância, as paixões imploraram o resgate de uma farmacopeia estranha. É sobre ela que minha juventude rural me documenta. O curandeiro da minha cidade curava na ocasião e “impedia” as doenças, quer dizer, ele cobria de cruz em cruz, resmungando uma pequena prece indistinta, os machucados ou membros feridos. Mas ele vendia mais fósforos de contrabando que dos simples. Fósforos excelentes, simples, inofensivos – era a época do cristal e dos dispositivos modestos.</p> <p>Eu aprendia com um e com outro. Eu retinha o que mais gostava. A esposa do carvoeiro sabia quase tanto sobre as receitas de beleza quanto dos flertes de hoje, já que ela se lavava no domingo com uma pele de porco e um pouco de manteiga. Por outro lado, o filho do açougueiro, belo rapaz devidamente untado seis dias da semana, festejava o dia do senhor se esfregando na figura de uma rude toalha encharcada de <i>l'eau-de-vie de marc</i> [MM5] . Tratamentos apropriados, como vocês vêem. E a dispensa foi ainda mais leve que o açougueiro deu das peles de porco à carvoeira, por uma taxa</p>

des couennes à la charbonnière, moyennant que celle-ci, roulant dans sa brouette les sacs de braise bien cuite jusque chez le charcutier, lui glissât sous le charbon une petite dame-jeanne pleine de marc — sans passe-debout.

Indifférente aux bienfaits de toute axonge, j'apprenais que les couennes neuves sont bonnes à lécher et que, bien au-dessus des couennes, la plus fine graisse se trouve dans les quatre petits sabots qui sautent hors du feu où flambe, sur la place publique, le cochon fraîchement tué. Pour ce saindoux sans mélange, blanc comme neige, les enfants se battaient. Une coquette qui s'en oindrait les paupières et le front ne perdrait pas son temps...

Quand venait le moment de mettre, chez Sido ma mère, les coings en gelée, et que la vapeur acidulée en donnait la nouvelle à notre voisinage, je voyais paraître une singulière femme qui, parce qu'elle était née hors du département, inspirait de la méfiance et même de la crainte. « On ne lui voit pas les cheveux », disions-nous. La tête couverte d'un vieux bachelik et les yeux bas, elle venait recueillir ce que nous jetions : la partie centrale des coings, les pépins enveloppés d'un mucilage transparent, et les faisait bouillir.

C'est d'elle que je sais que la véritable « eau de coings » se fabrique avec les pépins du fruit et quelques rubans de pelures. La femme aux cheveux invisibles, après une pluie d'orage, sortait de sa demeure en même temps que les poules qui annoncent le beau temps. Elle ramassait sur les haies les petits escargots rayés de rose et de noir et s'en agençait une couronne, leur pied charnu collé à même son front sans cheveux, maintenus sous un étroit bandeau de linge. Aucune

aquele que, rolando os sacos de carvão bem cozidos em seu carrinho de mão até a casa do açougueiro, lhe deslizou sob o carvão uma pequena garrafa de dame – jeanne cheia de Marc – sem taxa.

Indiferente a todos os bem – feitos de qualquer banho, eu aprendi que as peles de porco são boas para lambar e que, bem abaixo das peles de porco, a mais fina banha se encontra nos quatro pequenos cascos que saltam fora das chamas do fogo, em praça pública, o porco recentemente matado. Por essa banha sem mistura, branca como neve, as crianças se batem, Uma pequena ungorria suas pálpebras e a tez não perderia seu tempo.

Quando chegava o momento de colocar, na casa de minha mãe Sido, os marmelos na geléia, e quando o vapor ácido dando a notícia à nossa vizinhança, eu via aparecer uma mulher singular que, como ela nasceu fora do departamento, inspirava a desconfiança e até o medo. “Não lhe vemos os cabelos”, dizíamos nós. A cabeça coberta por um velho bachelik¹ e os olhos baixos, ela vinha recolher aquilo que jogávamos: a parte central dos marmelos, as sementes envoltas em uma mucilagem transparente, e as fervia.

Foi ela que me disse que a verdadeira “água de marmelo” se fabrica com as sementes do fruto e alguns pedaços da casca. A mulher dos cabelos invisíveis, depois de um temporal, saía de casa no mesmo tempo em que as galinhas anunciavam o bom tempo. Ela apanhava sobre as sebes os pequenos caramujos listrados de rosa e de preto e os colocava como uma coroa, seus pés carnudos colados a sua testa sem cabelos, mantidos sob uma faixa de linha estreita. Nenhuma enxaqueca nervosa – pelo menos ela garantia – resiste à tiara de caramujos

¹ É uma espécie de lenço de rede de lã com malha larga, formando um capuz para a cabeça, com pontas pendentes e provido de longos tufos, é um acessório de origem russa.

migraine nerveuse — du moins elle l'assurait — ne résiste au diadème d'escargots vivants. La migraine passée, elle rendait la liberté à ses guérisseurs qui emportaient loin d'elle le mal. En bracelet, ils ralentissaient la fièvre. Vous n'en croyez rien ? Bon. Mais combien d'entre vous, lectrices et amies, touchent le bois de la table, pincent entre deux doigts un poil d'éléphant, manient la boule de cristal de roche qui, ni plus ni moins que l'escargot, apaise la fièvre ?

Je n'ai pas arraché aux « bonnes » femmes beaucoup de secrets. Le vinaigre salé (une poignée de sel gris dans un litre de vinaigre de vin) n'en est pas un. On sait qu'employé en frictions, le matin, il panse' la fatigue au même titre qu'un alcool parfumé. Et je raffolais, enfant, de son odeur. « Ce matin, je suis anémique », disais-je à Sido ma mère. La friction accordée, je la flairais sur mes bras et m'en délectais : « Je sens le cornichon » !

Pour entretenir la beauté de vos mains, vous faites crédit, amies de Marie-Claire, au mélange du gruau, de l'amande pilée, dû miel, et vous avez bien raison. Mais il y a mieux à faire que de le mettre en pots : pétrissez un gâteau deux fois par semaine. De travailler la farine délayée, les jaunes d'œufs, le lait, le beurre et les amandes pilées, vos mains sortent ennoblies. Et la gourmandise, aux jours de restrictions, y trouve son compte.

Ménagères économes, qui récoltez en leur temps fleurs et feuilles médicinales, savez-vous pourquoi votre tisane de violettes est insipide ? C'est parce que vous avez cueilli les violettes au soleil. Cueillez-les à l'ombre, dans les premiers jours de leur saison, sans tiges, et séchez-les à l'ombre, sur du papier blanc et non sur une serviette. On dit chez nous que le linge « boit le parfum », et méfiez-vous de la table de marbre parce que, froide, elle « surprend » vos fleurs tièdes, les

vivos. Após a enxaqueca passar, ela libertava seus curadores que afastaram dela a dor. Na pulseira, eles diminuem a febre. Vocês não acreditam em nada disso? Bom. Mas quantas de vocês, leitoras e amigas, batem na madeira da mesa, apertam entre dois dedos um pêlo de elefante, manejam uma bola de cristal que, nem mais nem menos do que o caramujo, baixa a febre?

Eu não arranquei das “boas” mulheres muitos segredos. O vinagre salgado (um punhado de sal cinza em um litro de vinagre de vinho) não é um deles. Sabemos que esfregá-lo, pela manhã, cura o cansaço do mesmo jeito que um álcool perfumado. E eu, criança, adorava seu cheiro. “Nesta manhã estou anêmica”, eu dizia a Sido, minha mãe. A esfregação feita, eu a cheirava meus braços e me deleitava “Eu estou cheirando a pickles !”.

Para manter a beleza de suas mãos, acreditem, amigas de Marie Claire, ao misturar sêmea, amêndoa moída, mel e vocês estão certas. Mas há uma forma melhor do que colocá-las em potes: amasse um bolo duas vezes por semana. Ao trabalhar com a farinha diluída, com as gemas, o leite, a manteiga e as amêndoas moídas, suas mãos estarão muito mais delicadas. E a gula, nos dias de restrição, ainda tira proveito

Donas de casa econômicas, que colhem flores e folhas medicinais em sua época. Vocês sabem por que seus chás de violetas são insípidos? É porque vocês colheram as violetas ao sol. Colham-nas na sombra, nos primeiros dias de sua estação, sem hastes e sequem-nas à sombra, sobre um papel branco, e não sobre uma toalha. Dizemos na nossa casa que tecidos “bebem seu perfume”, e tomem cuidado com a mesa de mármore porque, ela estando fria, “assusta” suas folhas mornas, as encolhe e retira uma parte de sua alma. Colha a “unha-

<p>recroqueville et leur ôte une partie de leur âme. Cueillez le «pas d'âne » (tussilage) pour vos rhumes futurs, mais n'attendez pas qu'il épanouisse entièrement ses petits soleils d'un jaune pauvre.</p> <p>Je connais un meilleur préventif. Sacrifiez à sa préparation une demi-bouteille de bon champagne sec que vous ferez bouillir vivement et brièvement dans une petite casserole. Au premier gros bouillon, coupez le feu et ajoutez une généreuse dose d'armagnac. Buvez en vous brûlant. Je conseille aux pré-grippés de se coucher avant de boire. Car j'en ai vu qui, sensibles à l'alcool et ébranlés par la fièvre, tombaient, comme on dit, raide morts. Mais aucun n'a manqué, le lendemain, de se relever guéri.</p>	<p>de-asno” (tussilago) para seus futuros resfriados, mas não espere que ela floresça inteiramente seus pequenos sóis de um amarelo fraco.</p> <p>Eu conheço um preventivo melhor. Sacrifique para sua preparação meia garrafa de um bom champanhe seco e o ferva intensa e brevemente em uma pequena panela. Na primeira grande fervura, desligue o fogo e acrescente uma dose generosa de armanhaque. Beba ainda quente. Eu aconselho aos gripados que se deitem antes de beber. Porque eu já vi alguns que, sensíveis ao álcool e desestabilizados pela febre, caíram, como se diz, duros como mortos. Mas nenhum deixou, no dia seguinte, de se levantar curado.</p>
--	--

Fonte: (COLETTE, 1940)

3.1.1. Comentários sobre a tradução de “Des “bonnes femmes” m’ont confié ces “Secrets”:

Ao trabalhar com tradução de obras estrangeiras as dificuldades são inúmeras, ainda mais quando se trata de um texto escrito há cerca de 60 anos. Apesar dos temas muito à frente do que era discutido na época de publicação, os textos de Colette trazem um francês com algumas diferenças, por isso, palavras e expressões foram traduzidas depois de extensas pesquisas tanto dos termos quanto do contexto no qual estavam inseridos. A forma como a autora usa expressões incomuns nos apresenta um obstáculo linguístico e, para explicar alguns termos, foram usadas notas de rodapé com breves classificações em busca de um melhor entendimento por parte do leitor.

Por exemplo, a autora apresenta o seguinte título: “ Des ‘bonnes femmes’ m’ont confié ces ‘Secrets’ ”. Os termos “bonnes” e “secrets” são apresentados com as aspas francesas e, ao apresentá-las, a autora já evidencia, desde o título, que a ideia de “boa mulher” será questionada em sua narrativa. Ela também usa essa marcação na palavra “secret”, evidenciando que estes truques de beleza são conhecidos pelas mulheres e que não são, necessariamente, segredos entre elas. o termo “bonnes” é apresentado entre aspas e o leitor é induzido ao questionamento na

primeira frase do texto: “E porque ‘boas’ mulheres? Para nos lembrar que existem receitas de mulheres ruins?”. Para manter essa perspectiva crítica no uso das aspas, na tradução para o português, escolhi mantê-las nos mesmos termos: “boas mulheres” e “segredos”, pois, em meu projeto de tradução (BERMAN, 1995), também questiono a ideia de “boas mulheres” dentro de uma perspectiva de tradução feminista e mantenho a indução de questionar essa ideia de “boas mulheres” entre as leitoras e leitores da tradução a partir do título.

Outra problemática interessante para nossa discussão foi a tradução dos truques de beleza de 1940 apresentados no texto. A autora traz em sua descrição alguns termos como “couenne de lard”, “beurre”, “mélange du gruau”, “l'amande pilée”, “miel”, “coing”. Tais palavras me trazem, como tradutora, e ao próprio leitor, um estranhamento, pois alguns destes alimentos não são usados, atualmente, como produtos de beleza. Entretanto decidi não colocá-los como uma explicação em nota de rodapé, visto que, apesar desse estranhamento causado, estas eram formas comuns de tratar a pele e cabelo na época em que a obra foi publicada, as pessoas que moravam no campo não acessavam com facilidade os produtos das indústrias farmacêuticas e cosmetológicas como temos acesso hoje.

Uma das práticas que causa estranhamento às leitoras e aos leitores do século XXI é o uso de caramujos com fins medicinais. No trecho: “elle ramassait sur les haies les petits escargots rayés de rose et de noir et s'en agençait une couronne”, há a indicação do uso de “caramujos” para tratar uma enxaqueca nervosa e, apesar de uma longa pesquisa a respeito desta crença, não achei qualquer referência ao uso de caramujos vivos para o tratamento desse sintoma. Há, entretanto, inúmeros artigos jornalísticos e científicos que discursam sobre as propriedades anti-inflamatórias e cicatrizantes do muco de caramujo:

Os caramujos são animais capazes de produzir uma secreção glicoproteica produzida através de glândulas localizadas em toda a superfície do seu corpo, que possui ação antibacteriana comprovada e que participa da própria imunidade inata desses animais. Martins e colaboradores mostraram que o reparo cutâneo das feridas tratadas tanto com o muco quanto com a pomada feita com o muco de *Achatina fulica* ocorreu em menor tempo do que o grupo controle, sendo o efeito da pomada a base de muco ainda melhor. (BEZERRA, M. J. B. (2015)

A passagem do texto na qual Colette fala sobre o uso dos caramujos levanta uma discussão ainda mais interessante quando a própria autora questiona as crenças de suas leitoras, visto que o uso do muco de caramujo era mais uma crença da população do que uma ciência propriamente comprovada na época Colette pergunta: *Vous n'en croyez rien ? Bon. Mais combien d'entre vous, lectrices et amies, touchent le bois de la table, pincent entre deux doigts*

*un poil d'éléphant, manient la boule de cristal de roche qui, ni plus ni moins que l'escargot, apaise la fièvre ?*²

Colette menciona alguns outros conselhos que não causariam, mesmo aos leitores e às leitoras da atualidade, uma estranheza tão grande, visto que são recomendados ainda por muitas pessoas idosas, como: o trabalho com sova para manter as mãos hidratadas, a forma correta de colher suas folhas de lavanda ou mesmo o uso de bebidas alcóolicas para ajudar com os sintomas de resfriados. Ao longo de toda a tradução tomei a decisão de incluir apenas uma nota de rodapé, sobre a palavra *bachelick*, um tipo de echarpe que as mulheres da época usavam em seus cabelos. A nota de rodapé foi adicionada pois o termo pode causar ao leitor um estranhamento visto que além de não ser uma palavra tão comum, o termo já não é mais usado. Assim, para alguns termos do texto, como usar o muco de caramujos ou mesmo a pulseira de pêlo de elefante, podem ser mais facilmente encontradas explicações, caso despertem a curiosidade do leitor.

É necessário também que observemos neste texto a forma como a autora traz o assunto às mulheres. Enquanto nas primeiras linhas do texto Colette aparenta dar início a uma discussão voltada para a definição errônea dos termos “boas mulheres”, termos apresentados entre aspas, essa discussão não é desenvolvida, passa-se a tratar de moda, beleza, cuidados da casa, tópicos que deveriam, segundo a sociedade, interessar a uma boa mulher.

3.2. Tradução de “Jeunes femmes d’aujourd’hui Colette vous parle”.

TEXTO DE PARTIDA: Jeunes femmes d’aujourd’hui Colette vous parle	TRADUÇÃO: Jovens mulheres de hoje, Colette vos fala
Huit mois écoulés, les femmes n'en sont qu'à leur premier printemps de guerre. Vont-elles sentir durement l'arrivée, le passage d'une saison qui est celle de s'épanouir, qui excuserait un peu d'égarement et de langueur	Oito meses se passaram, as mulheres estão apenas em sua primeira primavera de guerra. Elas vão sentir duramente a chegada, a passagem de uma estação que é aquela para se desenvolver que justificaria um pouco a

² Vocês não acreditam em nada disso? Bom. Mas quantas de vocês, leitoras e amigas, batem na madeira da mesa, apertam entre dois dedos um pêlo de elefante, manejam uma bola de cristal que, nem mais nem menos do que o caramujo, baixa a febre?

? Fougue et joie de l'instinct, appel amoureux, infractions à une sévère discipline, il n'est plus question pour les femmes de se plier à vous. Sans bruit, sans protestation, voici qu'il leur faut s'établir au sein d'une nouvelle forme de la guerre et n'y point perdre l'équilibre. Il le faut — et chacune déjà peut répondre d'elle-même. La guerre qui vient, après une période somnolente, d'éclater comme un fruit aux mille semences meurtrières, ne laissera plus de place aux petites bacchantes, ni aux étourdies. S'il y a une mode psychologique de guerre, nous pouvons affirmer que la vogue sera aux cervelles solides.

Tant mieux. Oh ! Cent fois tant mieux, fallût-il que la femme de France troquât une partie de son charme contre une solidité dont on a dit -- à tort le plus souvent -- qu'elle lui manquait. Le début larvé de la guerre a vu les femmes lutter contre leur propre activité. Sans délai, sans discernement, elles ont voulu « faire n'importe quoi », et elles l'ont fait. Une adolescente fragile mettait ses suites de bronchite grave et ses poignets minces au volant d'un gros camion. Une rhumatisante passait les nuits dans les gares à reconforter des évacués... Brèves, généreuses entreprises, dont je n'ai pas à rappeler ici les échecs.

Il en ira désormais d'autre sorte... Bien des femmes se souviendront des huit premiers mois de la guerre comme d'une période d'apprentissage, au cours de laquelle elles ont eu la chance ça. Et là de rencontrer des emplois qui conviennent à leurs forces et à leurs aptitudes. Pour celles à qui l'expérience a démontré qu'il n'y a ni honte ni erreur à demeurer gardiennes d'un foyer, à gouverner, seules, la petite nef que menaient deux rameurs, qu'elles continuent. Il pèse bien assez lourd à leur barque, le fret de responsabilités dont un compagnon absent leur laisse le soin et le poids! Il importe seulement que pendant la croisade de 1940, chaque femme, à l'exemple de chaque

desorientação e a apatia ? Entusiasmo e alegria do instinto, apelo amoroso, infrações a uma disciplina severa, não é mais uma questão das mulheres chorarem por vocês. Sem barulho, sem protesto, aqui elas têm que se estabelecer dentro de uma nova forma de guerra e não podem perder o equilíbrio. É preciso – e cada uma já pode responder por si mesma. A guerra que, depois de um período sonolento, acabou de eclodir como uma fruta com milhares de sementes mortíferas, não deixará mais espaço às pequenas bacantes, nem às tontas. Se há um modo psicológico de guerra, nós podemos afirmar que a moda estará em miolos sólidos.

Muito melhor. Oh! Cem vezes muito melhor, fora preciso que a mulher da França trocasse uma parte de seu charme com a solidez da qual falamos – na maioria das vezes erroneamente – da qual ela sentia falta. O início latente da guerra viu as mulheres lutarem contra sua própria atividade. Sem demora, sem discernimento, elas quiseram “ fazer não importasse o quê”, e elas o fizeram. Uma frágil adolescente colocava seus graves sintomas de bronquite e seus finos punhos no volante de um grande caminhão. Uma doente reumática passava as noites nas ruas para reconfortar os expulsos... Negócios rápidos e generosos, cujas falhas não tenho que lembrar aqui.

Será diferente agora... Muitas mulheres se lembrarão dos oito primeiros meses da guerra como um período de aprendizagem, durante o qual elas tiveram a chance de lá encontrar empregos que se adequavam às suas forças e às suas aptidões. Para aquelas a quem a experiência demonstrou que não há vergonha nem erro em permanecer guardiãs da casa, de governar, sozinhas, a pequena nave liderada por dois remadores, que elas continuam. Pesa demasiadamente a sua barca, o frete das responsabilidades das quais um companheiro ausente as deixa o cuidado e o peso! Importa somente que durante a cruzada de 1940, cada mulher, assim como cada homem, ocupa seu posto, com constância e alegria. Um ajuste de

<p>homme, occupe son poste, avec constance et bonheur. Une ajuste l'acier, une tisse, une manœuvre des leviers. Une se consacre aux enfants; une régit ce qui reste d'une petite industrie. Une s'improvise cultivatrice et cultivatrice restera. Une et une, et encore une, cela 'fait des millions de femmes utiles...</p> <p>Pendant un semestre de guerre ambiguë, de paix fallacieuse, on s'est hâté, devant l'optimisme des Françaises — elles n'ont point de vergogne à rire quand elles sont gaies, à manquer d'argent quand elles sont pauvres — de leur dire qu'elles prenaient bien vite l'habitude de la guerre... Elles n'en auront pas le démenti: vous les verrez à pied d'œuvre. Le coursier de sang mâche docilement son mors, s'enorgueillit de comprendre la pensée avant que les rênes aient bougé. La moitié la plus sensible de la France — vous, femmes, veut, obéissant à un vœu muet et unanime, rendre fière d'elle l'autre moitié.</p>	<p>aço, um tecido, uma manobra de alavanca. Uma se dedica às crianças; uma rege o que resta de uma pequena indústria. Uma improvisa como cultivadora e cultivadora continua. Uma a uma, e uma mais, dessa forma se fazem úteis milhões de mulheres...</p> <p>Durante um semestre de guerra ambígua, de paz falaciosa, nos precipitamos, diante do otimismo dos franceses – elas não têm vergonha de rir quando estão alegres, de sentir falta do dinheiro quando estão pobres – de dizer que elas pegavam bastante rápido o hábito da guerra... Elas não irão desmenti-lo: você as verá no trabalho. O corcel mastiga docilmente sua parte, se orgulha de entender o pensamento antes que as rédeas se movam. A metade mais sensível da França – vocês, mulheres, querem obedecer a um desejo silencioso e unânime, fazer a outra metade orgulhosa.</p>
---	---

3.2.1 Comentários de tradução do texto “Jeunes femmes d’aujourd’hui Colette vous parle”.

Trazendo um tema que, ao contrário do primeiro texto apresentado nesse estudo, “*Jeunes femmes d’aujourd’hui Colette vous parle*” traz, de certa maneira, um incentivo e um holofote sobre a força das mulheres. Durante os primeiros oitos meses de guerra, as mulheres aprendem a se tornar donas de suas próprias atividades, aprendem a tomar com suas próprias mãos responsabilidades tradicionalmente atribuídas aos homens e continuam a navegar seus próprios barcos sozinhas ou com suas crianças. Colette fala sobre a importância de manter uma frente unida: “*Uma se dedica às crianças; uma rege o que resta de uma pequena indústria. Uma improvisa como cultivadora e cultivadora continua. Uma a uma, e uma mais, dessa forma se fazem úteis milhões de mulheres...*”

A autora também faz uso de algumas expressões e comparações que fazem com o texto seja enriquecido através de metáforas e de uma linguagem coloquial (*Pesa bastante seu barco, o frete das responsabilidades das quais um companheiro ausente deixa o cuidado e o peso!*). Em

um texto com um teor tão sério quanto a guerra em uma revista voltada para o público feminino, na qual são publicadas predominantemente matérias sobre moda e beleza, Colette faz despertar uma reflexão sobre a força em momentos de dificuldade.

Alguns elementos do texto devem ser discutidos mais detalhadamente quando fazemos uma possível leitura feminista. O primeiro destes é a forma como Colette escreveu que “*a guerra não deixará mais espaço às pequenas bacantes, nem às tontas.*” O termo “bacante” é uma referência à cultura grega que tratavam por bacantes as adoradoras do deus Dioniso:

As Bacantes são as seguidoras de Dionísio, seu mito é diretamente ligado ao deus, sendo mulheres que abandonaram seus lares para segui-lo, o que pode ser interpretado tanto como uma subversão quanto uma dependência do deus. Abrão afirma que as Bacantes de Dionísio (...) *foram ninfas que educaram o deus. Inspiradas por Dioniso, (...) elas entravam em transe e erravam pelos campos, bebendo a água das fontes como se fosse o néctar dos deuses. As Bacantes mortais imitavam esse comportamento e obedeciam a Dioniso em tudo.* (GOMES, 2021, p. 14)

Ao escrever o termo *bacantes*, Colette se refere também à impossibilidade das mulheres seguirem cegamente seus maridos como se fossem deuses, afinal elas não lutaram na guerra da mesma forma que os homens o fizeram, mas tiveram suas próprias batalhas vencidas sem sua ajuda e em suas próprias casas. Portanto, a mulher sai do lugar comum que lhe é proposto pela sociedade, elas não têm mais espaço para vivem à serviço dos outros, mas sim tem que juntar toda sua força para tomar o controle de seu navio, como diz a autora.

No final do texto, a autora ainda escreve: “*a metade mais sensível da França – vocês, mulheres, querem obedecer a um desejo silencioso e unânime, fazer a outra metade orgulhosa*”. Ainda que o texto discorra sobre a enorme importância do trabalho dessas mulheres que são agricultoras, que dirigem um caminhão apesar de suas enfermidades, e que governam sozinhas e sem vergonha suas casas, Colette deixa claro que são a metade mais sensível da França, e, por melhor que estejam desempenhando seus papéis recém-adquiridos, devem cumprir o desejo coletivo de fazer a metade masculina orgulhosa de seu trabalho.

Em uma comparação entre os dois textos discutidos neste estudo, o questionamento maior a ser respondido é se a obra de Colette pode ser considerada feminista e, mesmo que respondamos afirmativamente, se esse fato seria não intencional, pois segundo Vieira (2019):

Embora comumente tachada de “feminista”, a obra de Colette pede alguns cuidados quando se trata de uma rotulação no estrito sentido do termo. Mesmo se pronunciando à distância de posicionamentos intelectuais e políticos que visavam discutir o infortúnio feminino narrando-o, Colette esteve, como todo grande escritor, à escuta de seu tempo, sendo indiscutivelmente impactada por ele. Seu diferencial, portanto, deve-se ao fato de que passou longe da militância, e sua maneira de responder à discussão naquele início de século foi

- assim como fez em vida - criando personagens femininas já emancipadas, instigadas e reinventar as próprias condutas e prazeres e, conseqüentemente (mas nunca pronunciadamente), julgar e repreender os do outro. (VIEIRA. 2019. *Feminismo avant la lettre*. Folha de S. Paulo)

Portanto, apesar de ser vista como uma autora feminista por sua escrita, essa questão é complexa e não deve ser tomada como um fato, já que a autora nunca tomou para si essa denominação, mas, em suas diversas fases literárias, podemos perceber personagens mulheres complexas que fazem com que suas obras possam ser entendidas por diferentes pontos de vistas.

3.3. E por que as ‘boas’ mulheres? Para nos lembrar que há mulheres ruins?: A tradução como experiência em comentários de tradução.

Ao compararmos os dois textos traduzidos podemos perceber que, apesar de termos dois artigos bastante diferentes, ambos visam o mesmo público. Temos o texto “*Des ‘bonnes femmes’ m’ont confié ces secrets*”, que nos apresenta uma faceta da autora mais voltada para a proposta da revista, visto que é um complemento do conteúdo de todo este número da *Marie-Claire*, nada salta aos olhos como característico da escrita de Colette (polêmica e exagerada), é um texto com segredos de beleza coletados pela autora com as mulheres com as quais conviveu. Enquanto que no texto “*Des ‘bonnes femmes’ m’ont confié ces secrets*” ela traz segredos de beleza, no texto “*Jeunes femmes d’aujourd’hui Colette vous parle*” a autora questiona a noção de feminilidade delicada pregada pela sociedade, quando nos relata a força da mulher em períodos de guerra.

No primeiro texto, “*Des ‘bonnes femmes’ m’ont confié ces ‘secrets’*”, desde a primeira frase, a autora traz um questionamento às leitoras e aos leitores: “E por que as ‘boas’ mulheres? Para nos lembrar que há mulheres ruins?” (COLETTE, 1940, p.14) [tradução nossa]. A partir do momento em que é questionada a existência de boas mulheres, um texto que deveria ser trazido apenas como uma forma de passar receitas de beleza às mulheres, traz às leitoras e aos leitores um questionamento mais profundo. De receitas de beleza sobre como diminuir as olheiras a receitas para manter a casa cheirosa com lavanda desidratada, o texto poderia se encaixar, facilmente, entre os diversos outros artigos publicados na revista *Marie-Claire*, visando como público alvo as mulheres donas de casa. Mas, Colette não deixa de questionar esse lugar destinado às mulheres, pois logo de início, evidencia a existência dessa dualidade entre mulheres boas e mulheres ruins e de quem as classifica dessa forma.

De uma maneira diferente, o segundo texto, “*Jeunes femmes d’aujourd’hui Colette vous parle*”, tem o objetivo de exaltar a força das mulheres durante períodos difíceis, como os de

guerra. Por exemplo, no trecho “O início latente da guerra viu as mulheres lutarem contra sua própria atividade. Sem demora, sem discernimento, elas quiseram “fazer não importasse o quê”, e elas o fizeram”. Podemos analisar a forma como a autora discursa sobre a força das mulheres em tais períodos de necessidade, como uma contribuição para valorização do trabalho feminino, como uma forma de trazer as mulheres a um lugar de destaque na luta por sua independência. Esse texto nos apresenta uma força e uma reflexão muito importantes para seu tempo e podemos perceber porque Colette era considerada tão polêmica na época em que publicava suas obras, que traziam, muitas vezes, mulheres emocionalmente fortes, característica normalmente atribuída aos homens, mulheres independentes, cheias de ideias contrárias àquelas impostas pela sociedade. Ao acionarmos o texto “Colette Revisitada” de Angela Li Volsi, podemos afirmar que:

A grande força de Colette, e talvez o que tenha desapontado a crítica de sua época, reside na falta absoluta de pretensão de fazer obra filosófica. Em momento algum ela quis se transformar num dos muitos “maîtres à penser” de que a França tanto se orgulha (LI VOLSI, 1991, p. 142)

Através da citação acima, podemos perceber que na época de seus escritos, Colette “desaponta a crítica” por não ter “a pretensão de fazer uma obra filosófica”, mas através dos textos estudados para a composição deste estudo, podemos apreender que a autora confrontava, em diversos momentos, as imposições da sociedade, tanto em seus escritos como em sua vida, já que trabalhava como escritora e fugiu de seu marido abusivo, divorciando-se (algo mal visto pela sociedade de bem da época). Além disso, ela escrevia sobre temas considerados tabus, prostitutas, lesbianismo, exaltava a força feminina em um período em que a visão sobre a mulher recaía em um lugar comum, sempre vista como um acessório de enfeite, que só deveriam estar bonitas e em seus lugares, presas em realidade imutável. Por isso, podemos afirmar que a autora amplifica as possibilidades de ser mulher em seus textos, tanto os literários quanto os jornalísticos e, portanto, traz uma obra filosófica que questiona o seu tempo.

Considerações Finais

No que tange a experiência como tradutora de Colette, pude perceber que a autora escreve de forma bastante expressiva e, no caso dos textos aqui traduzidos, sem muito rebuscamento ou o uso demasiado formal da língua, ela usa uma linguagem simples que atingirá seu público de maneira direta: as donas de casa que se dedicam majoritariamente aos filhos e ao lar e as jovens solteiras que lêem a revista Marie Claire em busca de truques de beleza. Portanto, a tradução dos textos, apesar de ser um processo bastante trabalhoso, foi gratificante pelas possibilidades de ideias e soluções tradutórias que um único texto pode produzir. No texto “*Des bonnes femmes m’ont confié ces secrets*”, em que a autora fala sobre alguns segredos de beleza para suas leitoras e leitores, dentre os quais o uso de banha de porco na pele para deixá-la macia, foi necessária uma pesquisa mais extensiva, visto que hoje não é mais comum e foi substituído por métodos mais simples como o uso de cremes hidratantes, por exemplo. No texto *Jeune femmes d’aujourd’hui Colette vous parle* a mesma situação não acontece pois a autora não escreve expressões que não poderiam ser usadas comumente ou compreendidas atualmente.

Através do levantamento das informações apresentadas nesta pesquisa e da tradução de dois textos de Colette quem, apesar de ter poucas obras traduzidas para o português brasileiro, tem muito a nos oferecer tanto em relação às discussões atuais sobre o lugar da mulher na sociedade quanto à escrita de mulheres. Em termos de estudos de tradução é importante trabalhar com o vasto acervo deixado pela autora, que deve ser explorado com maior afinco, e os dois textos aqui traduzidos são fagulhas do grandioso universo de Colette. Além disso, nossa pesquisa buscou possibilitar a leitura de dois textos inéditos para um público não falante de língua francesa.

Referências

FEMINA. Paris: [s. n.], 1910-1914. Quinzenal.

BERMAN, Antoine. **Pour une critique des traductions: John Donne**. Paris: Gallimard, 1995, p. 275

BEZERRA, Maria Julia Barbosa. Atividade anti-inflamatória, anti-nociceptiva e pro-cicatrizante de uma nova lectina purificada do muco do caramujo *Achatina fulica* Bowdich 1822. 2015. 131 f. Tese (Doutorado em Bioquímica)-Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, 2015.

CASTRO, Olga; ERGUN, Emek. **Feminist Translation Studies — Local and Transnational Perspectives**. New York: Routledge, 2016, 281 p.

CHÉRI. Direção de Stephen Frears. França. 2010 (110 min)

COLETTE, Gabrielle. **A Vagabunda**. Tradução de Dante Costa. São Paulo: Civilização Brasileira. 1937.

COLETTE, Gabrielle. Des bonnes femmes m'ont confié ses secrets. Gallica. Marie Claire, Paris, p. 14-15, 24 maio 1940.

COLETTE, Gabrielle. Jeunes femmes d'aujourd'hui, Colette vous parle. Gallica. Marie Claire, Paris, p. 2, 24 maio 1940.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Tradução de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GIGI. Direção de Vincente Minnelli. Estados Unidos. 1958 (119 min.).

GOMES, Tarciana. As mulheres, as bacantes e o feminismo: Um Estudo Sobre a Representação Feminina a Partir do Experimento “Bacante”. João Pessoa. 2021. p.14.

LI VOLSI, Angela. Colette revisitada. *Língua e Literatura*, São Paulo, v. 16, n. 19, p. 125-145, 1991.

MACHADO, Gonçalves. **“La Main” (1924) de Colette e a representação da mulher casada no início do século XX**. ORGANON. Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/76981/46100>>. Acesso em: 23 de janeiro de 2019.

MARIE CLAIRE. Paris [s. n.]. 1937-1944. Semanal.

POHLING, Heide: “Zur Geschichte der Übersetzung”. In: Beihefte zur Zeitschrift Fremdsprachen III/ IV. Studien zur Übersetzungswissenschaft. Leipzig: Enzyklopädie, p.125-162. 1971.

SCHLEIERMACHER, Friedrich Daniel Ernst. Sobre os diferentes métodos de traduzir, **Clássicos da teoria da tradução**. In: Heidermann, W. (Org.). Tradução: Celso R. Braidá. Florianópolis: UFSC, 2010. p. 39-103.

SILVA, Mileyde; SALES, Kall. Colette no Brasil: traduções, paratextos e recepção. (1937-2010). Revista Areia, v.3, n.4, p. 54-72. Maceió, abril. 2020.

TORRES, Marie-Hélène. **Traduzir O Brasil literário – paratexto e discurso de acompanhamento**. Tradução de Marlova Aseff; Eleonora Castelli. Santa Catarina. Copiart, 2011.

VIEIRA, Marcela. Feminismo avant la lettre. São Paulo, 1 maio 2019. Disponível em: <https://www.quatrocincoum.com.br/br/resenhas/l/feminismo-avant-la-lettre>. Acesso em: 17 jan. 2022.

VOGUE. Paris: [s. n.], 1920-1951. Quinzenal.